

# Nietzsche e Aristóteles: mandar e obedecer visando uma autossuperação

Isis Bruna da Costa Correia <sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo possui como objetivo principal a análise das relações de poder com base no pensamento nietzschiano e na filosofia aristotélica, visando com isso uma aproximação entre esses dois. A partir do momento que verificamos certa afinidade entre o fraco de Nietzsche e o 'escravo por natureza' de Aristóteles, reconhecemos também que há semelhança entre seus discursos, e ela está fundada na importância do agir para a vida humana. Dessa maneira, a dinâmica do "mando" e da "obediência" não só determina o lugar de cada um, mas também é encarada como sendo essencial à própria vida.

**Palavras-chave:** Fraco; Escravo por Natureza; Nietzsche; Aristóteles.

---

1. Graduanda de Filosofia e bolsista PIBIC da UFRRJ.

### Résumé

Cet article a comme objectif principal l'analyse des relations de pouvoir basées sur la pensée de Nietzsche et la philosophie aristotélicienne, visant un rapprochement entre ces deux. A partir du moment que nous avons vérifié une certaine affinité entre le faible de Nietzsche et le « esclave par nature » d'Aristote, nous reconnaissons aussi qu'il existe une similitude entre leurs discours, et elle est fondée sur l'importance de l'action pour la vie humaine. Ainsi, la dynamique de le « commandement » et de « l'obéissance » non seulement détermine la place de chacun, mais elle est aussi considérée comme essentielle à la vie elle-même.

**Mots-clés :** Faible ; Esclave par Nature ; Nietzsche ; Aristote.

Na segunda parte da obra *Assim falou Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém*, Nietzsche fala sobre o 'superar a si mesmo', colocando em discussão dois aspectos que ele considera fundamentais à vida. Refiro-me, aqui, ao mando e à obediência. Segundo Nietzsche, tanto o ato de "mandar" como o de "obedecer" são inerentes ao modo de ser do vivente, como se onde não houvesse tais dinâmicas, também não existisse a possibilidade de vida, pois, para ele, o viver implica ação, determinação, destinação, ou seja, designação de uma tarefa, de um fim. Portanto, pode-se dizer que a própria definição de vida é completamente carregada de desígnios.

Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor.

Que o mais fraco sirva ao mais forte, a isto o persuade sua vontade, que quer ser senhora do que é ainda mais fraco: deste prazer ele não prescinde.

E, tal como o menor se entrega ao maior, para que tenha prazer e poder com o pequeníssimo, assim também o maior de todos se entrega e põe em jogo, pelo poder — a vida mesma.

Eis a entrega do maior de todos: é ousadia, perigo e jogo de dados pela morte.

E, onde há sacrifícios, serviços e olhares amorosos: também aí há vontade

de ser senhor. Por caminhos sinuosos o mais fraco se insinua na fortaleza e no coração do mais poderoso — e ali rouba poder.

E este segredo a própria vida me contou. "Vê", disse, "eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo". (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, p. 109).

Em Nietzsche, o conceito de vontade de poder sustenta todo seu pensamento filosófico, pois se trata de uma força geradora de vida, e, especificamente, vida humana. Essa força faz com que o ser desejante, o homem, deseje, incessantemente, ser mais do que aquilo que ele é. Por isso também, pode dizer-se que ela mesma é um *pathos*. E é por causa de sua característica estimulante que torna-se impossível suportar vida sem a presença e a força dessa vontade, pois é ela o que instiga e impulsiona o indivíduo, levando-o a romper com a sua individualidade e a tornar-se ele mesmo uma espécie de cisão; e vida é isso, uma sucessão de estímulos que desconstrói para, então, continuar construindo, fazendo e refazendo estórias.

Percebe-se que, dentro disso que foi dito, existe um âmbito pré-determinado e definido para o homem, e que o põe em um constante movimento. Por isso, quando falamos em um ser cindido, não estamos nos referindo exclusivamente a uma mera desconstrução, mas sim, a um fluxo próprio do viver humano, o qual visa sempre uma espécie de renovação, a partir de uma força criadora, pois aquele que fez de si mesmo uma cisão é o mesmo que foi capaz de obedecer e ordenar a si próprio. Assim, o superar a si mesmo revela a característica mais peculiar do homem, a de se reinventar, mas ele não se reinventa depreciando o que foi e nem ambicionando um melhoramento, mas apenas para dar continuidade ao que ele é, ou seja, esse seu ímpeto criador é revolucionário, justamente, porque preserva a vida.

Dessa maneira, mandar e obedecer são necessidades vitais, à medida que é a partir do mando e da obediência que a vida se desdobra e se organiza. Todo agir é em si mesmo um obedecer a uma ordem, e caberá a cada um agir, seja obedecendo a si mesmo, ou a um outro, pois o homem não possui condições de fugir dessa sua incumbência. Entretanto, da forma como é colocada por Nietzsche, parece que é uma necessidade dos homens se organizarem de maneira hierárquica, e tal necessidade seria imposta pela própria vida. Sendo assim, a distinção entre fracos e fortes é nada mais do que um desígnio natural, o que, por sua vez, livra a obediência de qualquer aspecto agressivo, identificando-a com um tipo de servidão voluntária. E quanto ao mando, este traz consigo uma pesada responsabilidade, o que acaba por torná-lo algo mais difícil do que se acredita.

Portanto, Nietzsche ilustra bem dois tipos de homem: um deles é o que ele está reconhecendo como fraco, pois é incapaz de ordenar e obedecer a si mesmo, se pondo a serviço de outros (no caso, outros mais fortes), para que estes possam atribuir-lhe um objetivo, uma função, comandando, assim, o que

ele não consegue comandar, ou seja, sua vida. O outro é aquele que Nietzsche identifica como forte, o qual possui, exatamente, uma postura oposta à do homem fraco, pois, diferente deste, ele próprio se dá ordens, se comanda, e se obedece, não necessitando se submeter a terceiros para possuir um fim. O forte não teme qualquer compromisso com a vida, se responsabilizando tanto por ele como também por outros mais fracos, se colocando em risco à cada decisão tomada.

Percebe-se que não há como conceber vida, e refiro-me à vida em seu sentido pleno, sem esse âmbito do arriscado, ou seja, o vivente deve ser comprometido com cada uma de suas ações, pois só dessa maneira pode-se dizer que este é dono de si mesmo. A superação reside, necessariamente, nesse assumir-se humano, reconhecendo que ser homem implica em ter que retomar a cada situação vivida o seu caráter mais próprio: a deliberação.

Tal pensamento, mesmo que em outros termos, também está presente em Aristóteles, pois o mesmo evidenciou as relações de poder entre os homens a partir de um âmbito natural, e talvez o exemplo mais forte e que melhor evidencia esse acontecimento seja o seu conceito de “escravo por natureza” em contraposição ao que ele denomina de “homem livre”.

Tanto Nietzsche quanto Aristóteles interpretavam a vida humana como algo que se constitui a partir da ação, e penso que seja esse o ponto que mais aproxima o pensamento desses dois filósofos, fazendo com que eles se deparem com um tipo de determinação que se encontra no nível do necessário para o homem.

Para Aristóteles, a escravidão não é nenhuma deficiência natural, muito pelo contrário. Segundo ele, todos possuem a mesma possibilidade dada pela natureza de amadurecerem racionalmente, mas para que essas possibilidades se concretizem em algo real, o crescimento racional deve ser permitido, e no caso do escravo este foi prejudicado em algum momento do seu processo educativo.

Nota-se que estamos falando, portanto, de um algo a mais que não é, de forma alguma, dado pela natureza. Devido a isso, faz sentido ver essa alma servil do homem como algo tão natural, ao ponto deste não se sentir desconfortável com esta situação. Muito pelo contrário, ele se põe na posição de escravo sem que haja necessidade de qualquer tipo de violência ou coação para isso, diferente daquele que é escravo por lei. O escravo natural encontra certo amparo em seu senhor. Digo mais: ele é completamente dependente deste último, como um filho depende de seu pai; e tanto na relação de pai e filho como na de escravo e senhor não há uma necessidade da justiça, pois esta é a própria relação, já que tanto em um caso como no outro um é parte do outro.

---

O escravo natural, na verdade, longe de ser privado do que a natureza oferece aos outros homens, quando adultos, é aquele que permanece, quando se torna adulto, ao natural e em quem a educação do homem livre falta ou não tem poder. Acompanhado por um caráter dócil, ele é feito para obedecer. (BODÉÛS, 2007, p. 45)

Dentro dessa perspectiva de Aristóteles, o caminho rumo à liberdade, a qual aqui pode ser muito bem identificada como a autossuperação de que trata Nietzsche, é, sem dúvida, um caminho a ser construído pelo próprio homem, por meio de uma projeção que terá de realizar para que sua vida não se limite a uma mera sobrevivência; em outras palavras, o homem sujeito da ação deve levar a sério essa incumbência, realizando todas as suas ações de forma a suprir a demanda que lhe é posta pela vida. Sendo assim, a liberdade humana está intrinsecamente ligada à responsabilidade que o homem deve assumir com sua natureza deliberativa, logo, se refere também ao processo educativo do homem. Porém, vai muito além disso, já que, em suma, trata da postura do homem perante a vida, postura esta que é determinante para sua autonomia.

Em resumo, o que Aristóteles está evidenciando é que não existe liberdade sem que haja também responsabilidade com o viver e coragem para deliberar, ou seja, que a liberdade é determinação. Dessa maneira, o homem livre é aquele que não se põe ausente enquanto a vida acontecia, e teve de, conseqüentemente, possuir muita coragem para isso.

Para Nietzsche, aquele que não é capaz, a partir de si mesmo, de obedecer a si próprio, ou seja, aquele que não consegue estabelecer para si mesmo um fim, um rumo, deve, então, ser comandado por outro, pois a necessidade de um objetivo é real. Sendo assim, se ele não consegue traçar para si uma finalidade, outro deverá assumir essa incumbência, esse fardo. Esse mesmo homem incapaz de obedecer a si mesmo pode ser claramente identificado com o conceito aristotélico de “escravo por natureza”. É importante destacar, também, que essa maneira de interpretar as relações de poder entre os homens esclarece melhor o significado do ‘mando’ e da ‘obediência’ que estamos tratando aqui, pois esses nada têm a ver com autoritarismo ou coação, e, para esses dois filósofos, essa é outra característica essencial para ser evidenciada.

Outro ponto forte em comum entre eles é certa negligência, ou até mesmo preguiça com o viver que se pode identificar tanto no homem fraco de Nietzsche como também no “escravo” de Aristóteles. Pois a partir do momento que alguém se acomoda com o básico que lhe foi dado, e não procura possuir um comprometimento maior com isso que é o viver, ele acaba abrindo mão das

rédeas de sua vida, permitindo, por exemplo, que algum outro o comande ou imponha metas à sua vida. Assim, o homem, pelo simples desleixo com o viver, acaba deixando sua vida definhar, se descaracterizando por completo.

Entretanto, por mais que ambos abordem esse fenômeno do mando e da obediência de maneira muito semelhante – já que tanto Nietzsche como Aristóteles encaram essa relação de poder (senhor x escravo) como parte de um âmbito anterior e indispensável ao próprio homem –, não há como ignorar que existe uma diferença crucial na perspectiva desses dois filósofos. Nietzsche evidencia muito bem que, por trás da submissão voluntária do servente, existe o desejo de ser senhor, e é justamente, por conta desse desejo que o fraco se põe, espontaneamente, na condição de servo.

Sendo assim, o que sustenta a obediência do fraco, em Nietzsche, é a vontade que este possui em ser senhor, e, não tendo ele condições para isso, se submete ao forte para que este sirva como uma espécie de apoio e lhe garanta alguma autoridade com isso. É furtando um pouco da energia e da ousadia do forte que o fraco consegue certo domínio sobre um ainda mais fraco. Essa dinâmica não está presente em Aristóteles, pois, para ele, a servidão voluntária do homem está sendo legitimada não por um desejo de comando, mas sim por uma dependência que faz parte do âmbito da própria sobrevivência humana, porque, para ele, o servo se liga ao senhor pois precisa dele para conservar sua existência. Por isso, pode-se dizer que a servidão, em Aristóteles, difere fortemente da servidão a que se refere Nietzsche, no que tange suas ambições e interesses, já que para Nietzsche aquele que é servo se mostra muito mais “ambicioso” do que em Aristóteles, pois, mesmo o servo sendo fraco, ele almeja o poder, e enxerga na servidão o caminho mais fácil para conseguir alguma parcela desse poder desejado, o qual ele não teria forças para obter sozinho.

Em contrapartida, aquele que é autossuficiente para comandar a si mesmo e ao outro manda e obedece visando algo mais nobre, mais elevado, que é a autossuperação, e parece que até mesmo a forma de desejar desse tipo de homem é distinta, pois sendo ele livre, possui também a capacidade de realizar grandes coisas com sua vontade, atribuindo sentido não só a sua vida como à de outros que dependem dele para isso. Assim, pode-se dizer que o homem livre, tanto em Nietzsche como em Aristóteles, é aquele que se arrisca tanto por ele como pelos outros, suprimindo brechas presentes na vida, pois somente ele possui condições para supri-las.

---

## Referências Bibliográficas

- [1] ARISTÓTELES. *Política*. Tradução: Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Editora: Vega, 1998.
- [2] \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômacos*. Trad. M. da Gama Kury. Brasília: UnB, 1992.
- [3] BODÉÛS, Richard. *Aristóteles: a justiça e a cidade*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2007.
- [4] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra — Um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. Editora: Companhia das Letras.
- [5] VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000*. Tradução: Silvana Cobucci Leite. São Paulo. Editora: WMF-Martins Fontes, 2010.